

LITURGIA E SIMBOLISMO DA DEDICAÇÃO DOS ESPAÇOS SAGRADOS

Manuel Augusto Rodrigues*

Neste trabalho procura-se avaliar a dimensão espiritual dos espaços sagrados na história das religiões e a liturgia como expressão da vivência da fé dos crentes. O percurso far-se-á através das referências no Antigo Testamento, a dedicação das Igrejas Cristãs (a sua história, regras canónicas, liturgia, aniversários e festividade comum da dedicação, testemunhos) e a avaliação do papel dos beneditinos na vida litúrgica ao longo da história.

1. Introdução

É com imensa satisfação que participo na homenagem que muito justamente a Faculdade de Letras da Universidade do Porto presta a Geraldo Coelho por ocasião da sua jubilação. Ao longo de vários anos entregou-se à sua Faculdade de Letras da Universidade do Porto de muitas e variadas formas com a generosidade e o talento que todos lhe reconhecemos.

Com este texto pretendo prestar a minha admiração profunda e sentida amizade a um amigo de longa data, o Caro Prof. Geraldo que conheci nos anos de 1960-1962, quando frequentávamos o Pontifício Instituto Bíblico de Roma; a partir de então criou-se entre nós um clima de estreitas relações que o tempo se tem encarregado de robustecer.

Ocorreu-me abordar um tema relacionado com a liturgia cristã, uma área tão cara à família beneditina, domínio a que a sua ordem sempre deu um destaque particular. Basta pensar, entre nós, em Dom António Coelho, autor de valiosas publicações sobre temas litúrgicos¹.

Escolhi como tema específico a dedicação das igrejas. A dimensão espiritual dos espaços sagrados na história das religiões é uma realidade incontestável que mereceria ser

* Estudos teológicos, bíblicos e de línguas semíticas na Pontifícia Universidade Gregoriana e no Pontifício Instituto Bíblico de Roma e ainda na École Biblique de Jerusalém (1955-1963). Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Director do Arquivo da Universidade de Coimbra entre 1980 e 2003.. Publicações: «A cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra (1537-1640)», «A Universidade de Coimbra – Marcos da sua história», «Memoria Professorum Universitatis Conimbrigensis» (2 vols. 1290-1772 e 1772-1937).

1 Entre os seus trabalhos, recordamos o *Curso de liturgia romana*, 5 vols., Braga, 1926-1930.

desenvolvido com mais pormenor, o que não fazemos por falta de tempo. Iremos cingir-nos apenas ao mundo judéo-cristão salientando alguns aspectos que consideramos mais relevantes².

Liturgia e Sagrada Escritura estão estreitamente ligados, não se compreendendo uma sem a outra, pelo que pensamos que o presente trabalho se adapta à personalidade de Geraldo Coelho.

Desde o concílio de Trento, passando por diversos papas como Pio V, Bento XIV, Leão XII e Pio X, foram sendo emitidas diversas normas acerca da dedicação das igrejas. O novo Catecismo da Igreja Católica baseando-se no Concílio Vaticano II, na Constituição *Sacrosanctum Concilium*, no Código de Direito Canónico e noutros textos fala dos sacramentais em que se inclui a dedicação das igrejas³. A Congregação dos Ritos é na Igreja Católica a instância responsável pelos assuntos relacionados com a liturgia. A constituição apostólica «De Romana Curia» de Paulo VI, de 15 de Agosto de 1967, trata da divisão dos vários dicastérios do Vaticano em que entra aquela congregação; deve-se também a Paulo VI a publicação a 3 de Abril de 1969 do novo *Missale Romanum*. Pela constituição apostólica «Sacra Rituum Congregatio» do mesmo romano pontífice, de 8 de Maio de 1969, a Sagrada Congregação dos Ritos foi dividida em duas congregações: a do Culto Divino e a da Causa dos Santos⁴.

Dedicação é um termo que se aplica quer a pessoas quer a coisas consagradas ao serviço de Deus. Como exemplos da santidade de certos lugares, temos os de Jacob⁵, de Moisés⁶ e sobretudo de Salomão⁷. Era um dia grande para a comunidade dos crentes.

As grandes festividades da dedicação de igrejas são as da basílica de S. João de La-trão, considerada a catedral do papa, que se celebra a 9 de Novembro, e a dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, a 18 do mesmo mês; em cada diocese se evoca a consagração da sua catedral, sendo a de Coimbra a 16 de Novembro⁸.

2 Mircea Eliade, entre outros, tratou deste assunto com grande desenvolvimento e rigor.

3 *Catecismo da Igreja Católica*, 2.^a parte (celebração do mistério cristão), 2.^a secção (os sacramentos), cap. 4 (celebrações litúrgicas), art. 1 (ns. 1667- 1679).

4 Vid. a introdução ao *Missal Romano reformado por decreto do Concílio Ecuménico Vaticano II* e promulgado por autoridade de S. S. o Papa Paulo VI, Coimbra, 1992

5 Gen., 28, 17 : « Quam terribilis est, inquit, locus iste ! Non est hic aliud nisi domus Dei et porta caeli ! » (hebr. «mah-nôra' bamaqôm hazêh 'eyn zêh kiy 'im-beyt 'elohiym wzêh sha'ar hashamayim»).

6 Lev., 8, 10 : «Tulit et unctionis oleum, quo levit habitaculum cum omni superlectili sua et sanctificavit ea».

7 O texto de 1 Reg. 8 começa assim : «Tunc congregavit Salomon omnes maiores natu Israel, omnes principes tribuum, duces familiarum filiorum Israel ad regem Salomonem, in Ierusalem, ut deferrent arcam foederis Domini de civitate David, id est de Sion» (hebr. «laba'alôt 'et-arôn beryt yehwa me'iy' tsiyyôn»).

8 António de Vasconcelos no vol. I da sua «A Sé-velha de Coimbra» apresenta: uma notícia prévia para instrução dos fiéis da acção litúrgica soleníssima da nova sagração do altar românico da Sé-velha a 30 de Maio de 1932, 7.º centenário da canonização de Santo António, a que presidiu o prelado diocesano D. Manuel Luís Coelho da Silva. «O altar é o centro do culto católico, o lugar mais santo, o núcleo santíssimo do templo; e o altar-mor duma catedral, que é a mãe de todas as igrejas da diocese, é o altar por excelência privativo do bispo, do pastor desta parte do rebanho católico; é a ara propriamente episcopal». Fala da preparação remota e próxima, da procissão de trasladação das relíquias, das abluções do altar, das unções e turificações do altar, da combustão litúrgica, da ornamentação do altar, da missa inaugural que foi a do comum da dedicação das igrejas. - No vol. II, na parte final, inclui algumas «lições históricas do ofício litúrgico da festa da dedicação da catedral de Coimbra».

Entre tantas obras escritas sobre o assunto, temos *L'Eglise en prière. Introduction à la liturgie*, a dirigida por A. G. Martimort, na qual encontramos uma síntese da evolução da liturgia da dedicação das igrejas: formação do ritual romano (sécs. IV-VIII), o ritual gaulês, a fusão dos dois rituais e seu desenvolvimento ulterior, e o rito actual (13 de Abril de 1961). É desenvolvido com grande objectividade este ponto falando ainda da liturgia e da teologia e pastoral⁹. A liturgia aparece aí como expressão da vivência da fé dos crentes.

2. Entre os Judeus

a. A solenidade da dedicação do templo vigora no calendário judaico ao lado de outras festividades: *Pessah* (Páscoa)¹⁰, *Matsot* (Ázimos)¹¹, *Shavuot* (Semanas ou Pentecostes)¹², *Sukkot* (Recolha ou Tendas)¹³, *Rosh ha-shanah* (Ano Novo)¹⁴, *Simhat Torah* (Alegria da Torah)¹⁵, *Hanukkah* (Dedicação)¹⁶ e *Purim* (Sortes)¹⁷.

Entre os hebreus a dedicação do templo de Jerusalém teve uma importância grande ao longo dos tempos: desde Salomão por ocasião da festa dos tabernáculos; depois do exílio; e aquando da profanação levada a cabo por Antíoco Epifanes e das vitórias alcançadas por Judas Macabeu (164 a. C.), após o que teve lugar a festa da *hanukkah*, em grego o *enkainismós* ou *tá enkaínia*, que tinha lugar em Dezembro (1 Mac 4, 36-38).

O evangelho de S. João fala da *hanukkah* (Io. 10, 22)¹⁸ e o Talmud também se lhe refere. Maimónides dá uma descrição em pormenor da festividade da dedicação no seu livro «Guia de perplexos»¹⁹.

Em Israel a palavra *hanukkah*, «dedicação», (grego o *enkainismós* ou *tá enkaínia*, como o verbo *hanak*, «dedicar», «inaugurar», em grego *enkainidzo*, é utilizado na Bíblia em sentido profano, como a dedicação das muralhas²⁰ ou a inauguração de uma

9 *L'Eglise en prière. Introduction à la liturgie*, obra de colaboração, Paris – Tournai – Roma – New York, 1961, pp. 179-183.

10 Vid. sobre as festas judaicas o *Dictionnaire encyclopédique du Judaïsme*, Paris, 1993. A Páscoa judaica é uma das três festas de peregrinação, juntamente com Shavuot e Sukkot.

11 Esta festa foi associada à da Páscoa com a reforma de Josias.

12 É a festa do «Dom da Torah» (*Yom Mattan Torah*).

13 Também chamada «Festa das Tendas».

14 É o Ano Novo judaico que culmina com o *Yom Kippur*, «o dia do grande perdão».

15 Festa celebrada no dia 23 de Tishri. (em 2005, equivalente a neste ano 5766, cai 26 de Outubro).

16 Etimologicamente significa «inauguração» e ocorre em 2005 entre 26 de Dezembro e 1 de Janeiro.

17 Este termo significa «sortes» e a festa celebra-se no dia 14 de Adar (em 2005 cai a 25 de Março).

18 «*egéneto tóte tá enkaínia en tois Ierosolúmois*».

Vid. H. Balz, *enkaínia*, in *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, 2.^a ed., vol. I, Stuttgart-Berlin-Köln, 1992, 910-911; *Biblisch-historisches Handwörterbuch*, ed. de Reicke/Rost, III 1951; *Biblisches Lexikon*, ed. de H. Haag, Einsiedeln, 2.^a ed., 1968.

19 *Hilkoth Megilla wakhankha*, III-IV.

20 Neh. 12, 27.

casa²¹ e em sentido religioso: a dedicação da estátua de Nabucodonosor²² e a do altar do templo por Salomão²³. De salientar contudo que a referência mais importante é a da dedicação do templo de Salomão.

Houve três dedicações solenes do templo de Jerusalém: por Salomão, por ocasião das festas dos Tabernáculos no monte de Sião (1 Reg. 8, 1-66: «Tunc congregavit Salomon omnes maiores natu Israel...; v. 12: «Tunc ait Salomon: Dominus dixit ut habitaret in nebula. Aedificans aedificavi domum in habitaculum tuum, firmissimum solium tuum in sempiternum»²⁴.

Esta festa foi precedida pela transferência da Arca da aliança para o novo edifício e por grande número de sacrifícios.

b. Destruído o templo com a invasão babilónica (587 a. C.) e ao penoso período do exílio, assistiu-se ao regresso dos Judeus à sua pátria por decisão de Ciro, imperador dos Persas; a reconstrução do templo no governo de Zorobabel, ficou a dever-se a Esdras e Nehemias sendo sacerdote Josué no tempo dos profetas Ageu e Zacarias. Foram terminadas as obras a 23 (ou 3) de Adar (Fevereiro-Março) do 6.º ano de Dário (515 a. C.). Lê-se em Esd. 6, 16-22: «Fecerunt autem filii Israel transmigracionis dedicationem domus Dei (*hanukkat beit elaha*) illius in gaudio. 17: «Et obtulerunt in dedicationem domus Dei illius (*wehaqribu labanukkat beit elahá*) boves centum...; v. 22: ut adiuveret manus eorum in opere domus Domini Dei Israel».

c. Após a profanação do templo pelo rei sírio Antíoco IV Epifanes que durou três anos procedeu-se à sua purificação, em 25 Kislew (Novembro/Dezembro) de 164 a. C. como se relata em 1 Mac. 4, 36-59: «...ascendamus mundare sancta et renovare...»; v. 56. «et fecerunt dedicationem altaris (diebus octo et obtulerunt holocausta cum laetitia et sacrificaverunt sacrificium salutaris et laudis»²⁵. Foi a partir de então que se começou a celebrar a solenidade anual da dedicação do templo de Jerusalém²⁶.

De modo semelhante do que se fazia na festa dos Tabernáculos, as pessoas levavam ramos de folhas em sinal de alegria e de vitória²⁷. A partir do tempo de Herodes começou-se a iluminar as casas, tradição que se manteve depois da destruição de Jerusalém e do templo pelos Romanos em 70 d. C. Daí o ter-se dado depois o nome de festa das luzes à solenidade. Flávio José explica a razão: porque esta liberdade foi concedida aos Judeus de forma inesperada²⁸. O canto do *Hallel* contribuiu para assimilar a festa às três grandes festas do judaísmo²⁹.

21 Deut. 20, 5.

22 Dan. 3, 2-3, em aramaico.

23 Num. 7, 10. 11; 84-88; 2 Par. 7, 9.

24 Cf. 2 Par. 5, 2-7, 10; Sal. 30, 1.

25 Vid. 2 Mac. 10, 6-7. Esta solenidade foi repetida nos anos seguintes: 1 Mac. 4, 59; 2 Mac. 10, 8.

26 1 Mac. 4, 59; 2 Mac. 10, 8. As duas cartas incluídas no início do 2 Mac. que datam respectivamente de 143 e 124 a. C. têm por fim convidar os Judeus do Egipto a associarem-se à festividade que durava oito dias, a partir do dia 25 de Kislew.

27 Cf. 1 Mac. 13, 51.

28 *Antiquitates Judaicae*, 12, 7, 7.

29 *Hallel* designa os hinos de acção de graças e de louvor a Deus do livro dos Salmos que fazem parte da liturgia dos dias de festa. Há três tipos de *Hallel*: o *Hallel há-gadol*, o *Hallel* propriamente dito e o *Hatsi Hal-*

3. Era cristã

Não temos dados históricos quanto à dedicação das igrejas cristãs nas suas origens. Possivelmente só a celebração da eucaristia marcava esse facto. Temos os discursos orientais na dedicação das basílicas constantinianas de Tiro (314) e de Jerusalém (335) de que fala Eusébio na sua *Historia Ecclesiastica*: «Oferecia-se-nos, além disso, um espectáculo votivo e desejado, a saber, a festividade das dedicações em cada uma das cidades e as consagrações dos oratórios recentemente construídos³⁰; as reuniões dos bispos; o concurso de peregrinos procedentes de regiões externas e muito distantes; a caridade e mútua benevolência dos povos, ao unirem-se com uma só união os membros do corpo de Cristo³¹. E desse modo, conforme ao oráculo profético, em que predisseram as coisas que haviam de vir sob certa imagem arcana: «Uniram-se ossos a ossos, cada um por sua própria conjuntura»³². Algumas outras coisas que a mesma linguagem profética expressou certamente sob obscuros disfarces de palavras. Uma era a virtude do Espírito divino que circulava por todos os membros; uma alma de todos; a mesma alegria; uma o canto de todos que celebravam com hinos a divindade. As acabadíssimas cerimónias dos bispos, os cuidadosos sacrifícios dos sacerdotes e os ritos divinos e augustos da Igreja; aqui dos que cantavam salmos e escutavam as sentenças divinas ensinadas pela tradição; ali dos que desempenhavam os divinos e arcanos mistérios. Também eram integrados os sinais místicos da paixão salvadora³³. Por último, todas as idades e a multidão confusa dum e outro sexo, entregues às orações e acções de graça, veneravam com suma alegria da alma a Deus autor dos bens. Quantos bispos estavam presentes nas igrejas pronunciavam discursos panegíricos; e ocupavam-se seriamente em realizar a reunião com louvores conforme o talento de cada um³⁴».

Num fragmento dum martirologio atribuído a S. Jerónimo ocorre esta passagem: «Romæ dedicatio primæ Ecclesiæ a beato Petro constructæ et consecratæ»³⁵.

A conhecida *Peregrinatio Silviæ* (Egéria) contém uma descrição completa da festa da dedicação da igreja de Jerusalém como se tivesse sido vista presencialmente³⁶.

lel (aquela palavra deriva do verbo hebr. *balal*, «laudare»; *balleluya*, significa «aleluia»); o *Hallel* inclui os Salmos 113-18, é recitado nalgumas festas judaicas, como na Páscoa, Sukkot e Hanukkah, e também noutras ocasiões. É referido no Talmud como tendo sido incorporado na liturgia sinagoga desde tempos remotos. Vid. *Dictionnaire Encyclopédique du Judaïsme*, pp. 472-475.

30 «*enkainíon eortai katá póleis kai tôn árti neopagón proseukteríon apsiérôseis*».

31 «*tôn Chistou sômatos mellôn eis mían sunióntôn armonían énosis*»..

32 Ez. 37, 7: «Et prophetavi, sicut praeceperat mihi. Factus est autem sonitus, prophetante me, et ecce commotio. Et accesserunt ossa ad ossa (hebr. «*watiqrbû 'atsamôt 'etsen-'atsmô*»; em grego «os ossos aproximaram-se»), unumquodque ad iunsturam suam». O cap. 37 trata nos vv. 1-13 da visão dos ossos desseccados numa das passagens mais famosas do profeta. A construção do oráculo é muito simples: uma visão, vv. 1-11, que se converte em parábola, vv. 12-14, ao ser oferecida como resposta a uma queixa, v. 11.

33 Deve referir-se ao baptismo da paixão do Senhor. Vid. Rufino, *De Constantino*, lib. IX, cap. XI; Hilário, *De Trinitate*, lib. I; e o diácono Ferrando na epístola a Fulgêncio, *De baptismo Aetiopis*.

34 *Historia ecclesiastica*, X, 3, 1.

35 Vid. D'Achéry, *Spicilegium* IV.

36 Vid. Cabrol, *Livre de la prière antique*, p. 311. - Vid. *Itinerarium ad loca sancta*. Estudo e trad. de Alexandra B. Mariano, texto latino de Aires A. Nascimento, Lisboa, 1998; *Egéria. peregrinação aos lugares santos do Médio Oriente (do ano 381 ao ano 384)*, ed., introd. e versão anot. de José Cardoso, Braga, 1999; *Itinerario de la Virgen Egéria: 381-384: Constantinopla, Asia Menor, Palestina, Sinai, Egipto, Arabia, Sinai*. Ed. crítica do texto latino, variantes, trad. anot., documentos auxiliares, introd., planos e notas por Agustín Arce, Madrid, 1980.

De grande riqueza é a liturgia visigótica no que respeita à dedicação das igrejas. Férotin refere quanto à península vários documentos relativos a concílios de Braga e a Alcácer do Sal³⁷.

No início a dedicação era uma cerimónia muito simples. Uma carta do papa Vigilius ao bispo de Braga, Profuturus (538) diz: “Consecrationem cujuslibet ecclesiae, in qua non ponuntur sanctuaria (reliquiae) celebritatem tantum scimus esse missarum”. Mas não havia relíquias. Seria só a missa³⁸.

O primeiro formulário completo encontra-se no Sacramentário Gelasiano³⁹ do séc. VII, que inclui os usos litúrgicos romanos que consistiam de orações, aspersões de água santa e bênçãos. No séc. IX atingiu a sua perfeição⁴⁰ que se manteve até ao séc. XVIII.

Havia os ritos anteriores à dedicação propriamente dita, a unção da primeira pedra e a bênção do edifício.

As cerimónias da dedicação incluíam a preparação imediata, aspersão e «signação» (*signatio*), a aspersão com água lustral, a procissão das relíquias, a colocação das relíquias, a consagração do altar, a unção das paredes e outros espaços, a conclusão da consagração do altar e a missa da dedicação. A dedicação tinha o seu oitavário e anualmente celebrava-se o aniversário da dedicação.

A celebração da missa era o acto principal e tinha grande relevo a cerimónia da trasladação das relíquias. Em Roma não se fala. O cânon 7 do 2.º concílio de Niceia (787) afirma definitivamente a necessidade da deposição de relíquias no sepulcro dos altares durante a cerimónia da dedicação, declarando que «o bispo que consagrará uma igreja sem relíquias será deposto»⁴¹.

Outro acto importante era a lustração purificadora com a água lustral. S. Gregório escreve, em 18 de Julho de 601, a um missionário de Inglaterra que se utilizarem antigos templos pagãos em igrejas eles devem ser aspergidos com água lustral⁴²; foi aquele papa que deu o seu nome à água gregoriana que serve para a purificação da igreja antes da consagração.

As aspersões exteriores e a entrada do bispo revestiam-se de grande solenidade. Rezava-se «Sede presente, Deus único, todo-poderoso, Pai, Filho, Espírito santo»; e «Príncipes, elevai as vossas portas; elevai, portas eternas, e o Rei da glória entrará».

Como escreve M. Noirot, a unção do altar ocupava um lugar especial. Desde o séc. IV no Oriente vemos a prática da unção crismal sobre os altares como sucedia no Antigo Testamento (*Testamentum Domini*). Este rito passou para a Gália onde vários concílios do s. VI o mostram bem (concílios de Agda em 506 e de Epaona em 517; depois passou para Espanha no s. VII. Conservaram-se alguns altares franceses do s. VII (Valognes; Vourneuil, junto a Poitiers) munidos de cruzes de consagração.

37 Vid. M. Férotin, *Le Liber Ordinum...*, pp. 506-511.

38 Vid. Mabillon, “Museum Italicum”, II in P. L. LXXXVIII, 857. Duchesne, “Christian Worship”, London, 1903, Appendix; “Ordo of Verona” in Bianchini, ed., “Lib. Pont.”, III.

39 In P. L., LXXXIV.

40 Vid. *Liber Sacramentorum* in P. L., LXXXVIII; *Ordines Romani*, ed. Martène, “De Ant. Eccl. Rit.”, III; Daniel, “Cod. Lit.”, I.

41 Mansi, 13, 751.

42 Epist. XI, 16; M. G. H., Epist. II, 331. Num, 8, 7 e 19, 20 «aqua lustrationis» (hebr. «*mêy hata't e mêy niddab*»). Chamava-se «água lustral» porque era água purificadora. Também chamada água gregoriana continha sal, água, cinza e vinho. Duchesne vê nas cinzas a limitação do terreno.

Até ao séc. VIII existiam dois ritos: o romano, essencialmente funerário, consistindo na procissão das relíquias e sua sepultura no altar, e o gálico, mais solene, comportando a preparação e purificação do edifício, depois as incensações (ou turificações) e a unção do altar, e finalmente as relíquias e a missa.

A mistura dos dois veio a seguir: o romano inseriu-se no gálico, nas cerimónias gálicas da purificação preliminar e no rito de unção. Foi no tempo de Otão III (993-1002) que ele foi trazido para Roma pelo cerimoniário romano-germânico. Durand de Mende acrescentou depois vários ritos (salmos de penitência, o hino *Veni Creator* e assim foi constituído o complexo litúrgico da dedicação que constitui a cerimónia mais longa do ritual romano actual.

O canto do *Veni Creator*⁴³, das ladainhas dos santos, do hino *Benedictus*⁴⁴ e do salmo *Miserere*⁴⁵ davam à cerimónia um aspecto de rara beleza. O canto do «O quam terribilis est locus iste» era entoado várias vezes.

As regras canónicas incluem o ministro que em princípio é o bispo, necessidade, as condições, as cruzes de consagração, o dia, o jejum, as indulgências e a prova da consagração.

4. Textos

Interessante é referir alguns textos bíblicos alusivos ao templo de Jerusalém, como o Salmo 2, 6: «Et inhabitabo in domo Domini in longitudine dierum»; o 83, 11: «Quia melior est dies una in atriis tuis super milia, elegi ad limen esse in domo Dei mei magis quam habitare in tabernaculis peccatorum»; e o 91, 14: «Plantati in domo Domini, in atriis Dei nostri floreant»⁴⁶.

a. O comum da dedicação das igrejas

O intróito começa com estas palavras: «Terribilis est locus iste: hic domus est, et porta coeli: et vocabitur aula Dei»⁴⁷; «Quam dilecta tabernacula tua, Domine virtutum! concupiscit et deficit anima mea in atria Domini»⁴⁸.

43 O *Veni Creator* foi, segundo se pensa, composto por Rábano Mauro.

44 O *Benedictus Dominus Deus Israel* é o canto proferido por Zacarias após o nascimento de seu filho João Baptista (Luc. 1, 68-75). Nele se fala das promessas feitas a Abraão acerca do futuro de Israel. O Messias restaura a dinastia de David, renova a aliança e cumpre a promessa. As últimas palavras dizem: «Et tu, puer, propheta Altissimi vocaberis; praeibis enim ante faciem Domini parare vias eius, ad dandam scientiam salutis plebi eius in remissionem peccatorum eorum, per viscera misericordiae Dei nostri, in quibus visitabit nos oriens ex alio, illuminare his, qui in tenebris et in umbra mortis sedent, ad dirigendos pedes nostros in viam pacis».

45 O *Miserere* é o célebre Sal. 51, no qual à «acusação» de Deus encontramos a resposta do homem que consiste na confissão do seu pecado e no apelo à misericórdia divina, pedindo perdão das suas faltas. O Salmo divide-se em duas partes: o reino do pecado (vv. 3-11) e o reino da graça (vv. 12-17). Vem depois uma recapitulação (vv. 18-19) e um aditamento exílico (vv. 20-21).

46 *Le vocabulaire latin*, n. 345-347.

47 Gen. 28, 17.

48 Sal 83, 2-3

A epístola é tirada do Apoc. 21: 2-5: «In diebus illis: Vidi sanctam civitatem Jerusalem novam descendentem de coelo a Deo, paratam sicut sponsam ornatam viro suo. Et audivi vocem magnam de throno dicentem: Ecce tabernaculum Dei cum hominibus, et habitabit cum eis. Et ipse populus ejus erunt, et ipse Deus cum eis erit eorum Deus: et absterget Deus omnem lacrimam ab oculis eorum: et mors ultra non erit, neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra, quia prima abierunt. Et dixit qui sedebat in throno: Ecce nova facio omnia».

No gradual lê-se: «Locus iste a Deo factus est, inæstimabile sacramentum, irreprehensibilis est. Deus, cui adstat Angelorum chorus, exaudi preces servorum tuorum. Alleluia, alleluia. Adorabo ad templum sanctum tuum: et confiteor nomini tuo. Alleluja»⁴⁹.

Depois da Septuagésima diz-se: «Qui confidunt in Domino, sicut mons Sion: non commovebitur in aeternum, qui habitat in Ierusalem. Montes in virginitate eius, et Dominus in circuitu populi sui, ex hoc nunc, et usque in saeculum»⁵⁰.

O evangelho é o do texto de Luc. 19, 1-10 e soa assim: «In illo tempore: Ingressus Jesus perambulabat Jericho: et ecce vir nomine Zachæus: et hic princeps erat publicanorum, et ipse dives: et quærebat videre Jesum, quis esset: et non poterat præ turba, quia statura pusillus erat. Et præcurrrens ascendit in arborem sycómorum, ut videret eum; quia inde erat transiturus. Et cum venisset ad locum, suspiciens Jesus vidit illum, et dixit ad eum: “Zachæe, festinans descende; quia hodie in domo tua oportet me manere.” Et festinans descendit, et excepit illum gaudens. Et cum viderunt omnes, murmurabant, dicentes, quod ad hominem peccatorem divertisset. Stans autem Zachæus, dixit ad Dominum: Ecce dimidium bonorum meorum, Dómine, do pauperibus: et si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum. Ait Jesus ad eum:” Quia hodie salus domui huic facta est: Eo quod et ipse fílius sit Abrahæ. Venit enim fílius hominis quære- re, et salvum facere, quod perierat.”

O ofertório é tirado de 1 Par. 29, 17-18

b. Missa da dedicação da basílica de Latrão

Os textos litúrgicos são estes: no cântico de entrada lê-se um texto do Apocalipse: «Et civitatem sanctam Ierusalem novam vidi descendentem de caelo a Deo, paratam sicut sponsam ornatam viro suo»⁵¹.

A primeira leitura apresenta o texto de Ezequiel ⁵²: «Et converti me ad portam domus, et ecce aquae egrediebantur subter limen domus ad orientem; facies enim domus respiciebat ad porientem, aquae autem descendebant a latere templi dextro a meridie altaris Et eduxit me per viam portae aquilonis et convertit me ad viam foras ad portam exteriorem, quae respiciebat ad orientem; et ecce aquae exeuntes a latere dextro. - 8: «Et ait ad me: «Aquae istae, quae egrediuntur ad regionem orientalem et descendunt ad Arabam, intrabunt mare, aquas salsas et sanabuntur aquae. Et omnis anima vivens, quae moveretur, quocumque venerit torrens, vivet, et erunt pisces multi satis, postquam venerint illuc aquae istae, et sanabuntur et vivent omnia, ad quae venerit torrens». - 12:

49 Sal. 137, 2.

50 Sal. 124, 1-2.

51 Apoc. 21, 2.

52 Ez. 47, 1-2, 8-9, 12.

«Et super torrentem orietur in ripis eius ex utraque parte lignum pomiferum; non defluet folium ex eo, et non deficit fructus eius: per singulos menses afferet primitiva, quia aquae eius de sanctuario egredientur, et erunt fructus eius in cibum et folia eius ad medicinam».

O salmo responsorial soa desta forma: ⁵³«Deus est nobis refugium et virtus, adiutorium un tribulationibus inventus est nimis». Propterea non timebimus, dum turbatur terra, et transferentur montes in cor maris». - 5: «Fluminis rivi laetificant civitatem Dei, sancta tabernacula Altissimi. Deus in medio eius, non commovebitur; adiuvabit eum Deus mane diluculo». - 8: Dominus virtutum nobiscum, refugium nobis Deus Iacob. Venite et videte opera Domini, quae posuit prodigia super terram. Auferet bella usque ad finem terrae».

Também pode ser utilizada a leitura da 1.^a carta aos Coríntios⁵⁴: «Dei enim sumus adiutores: Dei agricultura estis, Dei aedificatio estis. Secundum gratiam Dei, quae data est mihi, ut sapiens architectus fundamentum posuit; alius autem supraaedificat. Unusquisque autem videat quomodo supraaedificet; fundamentum enim aliud nemo potest ponere id, quod positum est, qui est Iesus Christus»; v. 16: «Nescitis quia templum Dei estis et Spiritus Dei habitat in vobis? Si quis autem templum Dei everterit, evertet illum Deus; templum enim Dei sanctum est, quod estis vos».

O evangelho é de Jo. 2, 13-22, em que se fala dos vendilhões do templo e em que vem citada a frase: «Zelus domus tuae comedit me»⁵⁵.

Importante é a da comemoração a 18 de Novembro da dedicação das basílicas dos apóstolos SS. Pedro e Paulo⁵⁶.

c. O grande prefácio da missa da dedicação: o hino «Deus sanctificationum»

«Vere dignum et justum est, aequum et salutare, nos tibi semper, et ubique gratias agere, Domine sancte, Pater omnipotens, aeternae Deus, adesto precibus nostris, adesto Sacramentis, adesto etiam piis famulorum tuorum laboribus, nobisque misericordiam tuam poscentibus. Descendat quoque in hanc Ecclesiam tuam, quam sub invocatione sancti nominis tui, in honorem sanctae Crucis, in qua coaeternus tibi Filius tuus Dominus noster Iesus Christus pro redemptione mundi pati dignatus est, et memoriam Sancti tui N. nos indigni consecramus, Spiritus Sanctus tuus, septiformis gratiae ubertate redundans; ut quotiescumque in hac domo tua sanctum nomen tuum fuerit invocatum, eorum, qui te invocaverint, a te pio Domino preces exaudiantur. O beata et sancta Trinitas, quae omnia purificas, omnia mundas, et omnia perornas. O beata majestas Dei, quae cuncta implet, cuncta contines, cuncta disponis. O beata et sancta manus Dei, quae omnia sanctificas, omnia benedixis, omnia locupletas. O sancte Sanctorum Deus, tuam clementiam humillima devotione deprecimur, ut hanc Ecclesiam tuam, per nostrae humilitatis famulatum, in honorem sanctae et victoriosissimae Crucis, et memoriam Sancti tui N. puri + ficare, bene + dicere, et conse + crare perpetua sanctificationis ubertate digneris. Hic quoque Sacerdotes sacrificia tibi laudis offerant; hic fide-

⁵³ Sal. 45 (46) 2-3. 5-6. 8-9.

⁵⁴ 1 Cor. 3, 9b-11. 16-17.

⁵⁵ Sal. 69, 10 (hebr. «*kî-qin'at beytká 'akalatní*»).

⁵⁶ 1.^a leit. Act. 28, 11-16. 30-31 (chegada de Paulo a Roma e primeiros contactos com a comunidade cristã local); Sal. 97, 1. 2-3 ab-3cd-4. 5-6; Ev. Mt. 14, 22-33 (Jesus caminhando sobre as águas).

les populi vota persolvant; hic peccatorum onera solvantur, fidelesque lapsi reparentur. In hac ergo, quaesumus, Domine, domo tua Spiritus Sancti gratia aegroti sanentur; infirmi recuperentur; claudi curentur; leprosi mundentur; caeci illuminentur; daemonia ejiciantur. Cunctorum hic debilium incommoda, te, Domine, annuente, pellantur, omniumque vincula peccatorum absolvantur. Ut omnes, qui hoc templum beneficia juste deprecaturi ingrediuntur, cuncta se impetrasse laetentur; ut concessa misericordia, quam precantur, perpetuo miserationis tuae munere glorientur.

Quod sequitur, dicit submissa voce legendo ita tamen, quod a circumstantibus auidi possit:

Per eundem Dominum nostrum Jesum Christum Filium tuum, qui tecum vivit, et regnat in unitate Spiritus Sancti Deus, per omnia saecula saeculorum. R. Amen.

d. O hino «urbs Ierusalem»

Um dos hinos mais famosos é o «Urbs Ierusalem beata»⁵⁷ que pela sua importância, entendemos transcrever: «Urbs Ierusalem beata, dicta pacis visio, quae construitur in caelis, vivis ex lapidibus, angelisque coronata sicut sponsa comite. - Nova veniens e caelo, nuptiali thalamo, praeparata, ut intacta copuletur Domino. Plantae et muri eius ex auro pessimo. Portae nitent margaritis adytis patentibus, et virtute meritorum illuc introducit omnis qui ob Christi omen hic in mundo premitur. - Tensionibus, praesuris expoliti lapides suis coaptantur locis per manum artificis; disponuntur permansuri sacris aedificiis. - Gloria et honor Deo usquequaque altissimo, una Patri Filoque atque Sancto Flamini, quibus laudes et potestas per aeterna saecula. Amen. - Angularis fundamentum, lapis Christus missus est, qui parietum compage in utroque necitur, quem Sion sancta suscepit, in quo credens permanet. - Omnis illa Deo sacra et dilecta civitas, plena modulis in laude et canore iubilo, trinum Deum unicumque cum fervore praedicat. - Hoc in templo, summe Deus, exoratus adveni, et clementi bonitate precum vota suscipite; largam benedictionem hic infunde jugiter. - Hic promereantur omnes - petita acquirere - et adepta possidere - cum sanctis perenniter, - paradysum introire - translati in requiem. - Gloria et honor Deo - usquaquo altissimo, - una Patri Filoque - atque Sancto Flamini, - quibus laudes et potestas - per aeterna saecula. Amen.

e. Terminologia da liturgia

É interessante recordar a terminologia utilizada para o templo cristão, que é a casa de Deus na terra, casa de oração onde o povo celebrava o culto e em particular a eucaristia.

Servindo-nos de A. Blaise⁵⁸, passamos a enunciar as expressões medievais relativas aos espaços religiosos acompanhadas de algumas notas:

- «Domine Deus, qui, licet caelo et terra non capiaris, domum tuam dignaris habere in terris, ubi nomen tuum jugiter invocetur»⁵⁹.

⁵⁷ Este hino é de autor desconhecido (começa a aparecer por volta do ano 700) e era utilizado em procissões que se dirigiam à fonte baptismal e também para inaugurações de igrejas.

⁵⁸ *Le vocabulaire latin*, & 345-347. Na abertura da obra Blaise refere os livros litúrgicos, as fontes antigas (como o *Liber Sacramentorum* de Gelásio, o *Missale Gallicanum Vetus*, etc.), os autores cristãos e uma bibliografia.

⁵⁹ Oratio benedictionis primae lapidis, *Pontificale Romanum*, II, p. 7.

- «O quam metuendus est locus iste : vere non est hic aliud nisi domus Dei⁶⁰ et porta caeli»⁶¹.
- ou «terribilis est locus iste : hic domus Dei est et porta caeli et vocabitur aula Dei»⁶².
- «Effunde super hanc orationis domum⁶³ gratiam tuam»⁶⁴.
- «Effunde super hanc orationis domum benedictinam tuam⁶⁵; cf. «ecclesiae domus»⁶⁶.
- «(domus seu) quotiescumque in hac domo nomen sanctum tuum fuerit invocatum»⁶⁷.

A igreja é consagrada a deus e edificada para deus

- «hoc in templo tibi aedificabo appare»⁶⁸;
- «Deus, qui loca nomini tuo dicanda sanctificans»⁶⁹.
- «in hoc loco, quem nomini tuo indigni dedicavimus»⁷⁰.
- «porta sis consecrata et Domino Deo commendata»⁷¹.
- «Deus opera: Deus, qui in omni loco dominationis tuae⁷² clemens ac benignus dedicator assistis⁷³; «cuncterum sanctificationum consecrator»⁷⁴.

A Igreja é consagrada também em honra dum mistério ou da Virgem ou dum santo: «quam (ecclesiam) sub invocatioe sancti nominis Tui et in memoriam sancti Tui Nos indigni consecramus»⁷⁵.

- «hanc quoque ecclesiam in honore sancti Tui N. sacris mysteriis institutam, clementissimus dedica»⁷⁶.

60 Como refere A. Blaise, há fontes que trazem *Domus Dei* (Conc. Carth. IV, can. 91); Tertuliano (Idol. 5, 1), *In domum Dei admitti* pode designar a casa ou a assembleia. Também pode designar o claustro (Bem. Reg. 31, etc.). No sentido místico, é a assembleia dos servidores de Deus, *Domestici Dei* (Ef. 2, 19); por exemplo, *ut praedicatione atque exemplo aedificetis domum, id et familiam Dei* (admon. Ordin. Presb., Pont. Rom.), para que pela pregação e pelo exemplo vós edifiqueis a casa de Deus. Para o templo de Jerusalém: *domus Domini* (Sal. 22, 6; 91, 14); *domus Dei* (Sal. 83, 11).

61 Gen. 28, 17 ; antif. eccles. consecr., Pont. Rom. II, p. 22.

62 Introitus Comm. Dedic.

63 Para o templo de Jerusalém, encontramos *domus orationis* (Mat. 21, 13; Marc. 11, 17; Luc. 19, 46; cf. 7, 11). São usadas as expressões *domus orationum* por Santo Agostinho (Ep. 22, 3); *domus orationis* (Victor Vitensis. 1, 4, etc.); *Domus divina* por Salvianus (De Gubernatione Dei).

64 Oratio eccles. consecr., Pont. Rom., II, p. 22 e 50: Gel. I, 88, 689; super hunc locum (Gel. I, 90, 711).

65 Secr. in ipsa die dedic.

66 Gel. I, 90, 712);

67 Praef. consecr. eccl., Pont. Rom. II, p. 24.

68 Oratio Eccl. Cons., Pont. Rom. II, p. 17, Gel. I, 89, 704.

69 Oratio Ibid., Pont. Rom. II, p. 22; dedicate, Gel. I, 91.

70 Post. In ipsa die ded.

71 Pont. Rom. II, p. 35.

72 Leon.; Gel.

73 Pont. Rom. II, p. 35.

74 II, p. 75.

75 Praef. Cons. Pont. Rom. II, p. 24.

76 Or., *ibid.*, p. 19.

- «super hanc basilicam in honore beati N. nomini tuo dicatam»⁷⁷.
- «eius (sancti) meritis hanc ecclesiam deputatam»⁷⁸.

As orações solicitam a presença de Deus no seu santuário – «templum hoc potential tuae inhabitationis illustrate (or. «in ipsa dei Ded.»; «potentia tuae inhabitationis»⁷⁹.

- «locum hunc...visita»⁸⁰.
- «ut locum istum visitare digneris»⁸¹. ou «appare»;
- «in hoc habitaculo supplicates libens protege»⁸².
- «ut habitaculum istud benedicere et custodire dignetur»⁸³.
- «sit (hoc templum) aeternae lucis habitaculum temprale»⁸⁴; cf. «omnes habitantes in hoc habitaculo»⁸⁵.

A Igreja designa também quer o lugar de reunião dos cristãos como a comunidade: «quorum (sanctorum) imagines evicit in ecclesia esse veneranda»⁸⁶.

O sítio onde ficará a igreja ante da consagração deve ser exorcitado: «et, per infusionem gratiae tuae, ab omni inquinamento (locum hunc) purifica, purificantemque conserva»⁸⁷.

- «nulla hic nequitia contrariae potestati obsistat, sed, virtute Spiritus Sancti operante, fiat hic tibi purum servitium»⁸⁸; «ecce crux signum: fugiant phantasmata cuncta»⁸⁹.
- o termo «consecrare» é acompanhado de outros: «benedicere», «sanctificare»; exemplo: «sanctificare, benedicere, consecrare que digneris haec linteamina»⁹⁰.
- nas fomas do Pontifical: «it altare hoc...benedicere, sanctificare et consecrare digneris»⁹¹.
- «templum istud...benedicere et consecrare digneris»⁹².
- «sugnetur, sanctificetur et consecretur hoc altare»⁹³.
- «consecrare et sanctificare digneris, Domine Deus, calicem hunc»⁹⁴.

77 Gel I, 93.

78 Gel I, 91.

79 Greg. 197, 1.

80 Pont. Rom. II, p. 7.

81 Ibid., p. 16.

82 Ibid., p. 19.

83 Ibid. p. 22.

84 Gel. I, 90, 173.

85 Or. asper. Dom.

86 Post. 27 mart.

87 PR II, 7.

88 Ibid. 13

89 Ibid.

90 Gel. I, 98, 695.

91 Pont. Rom., II, 54.

92 Praef. Cons., II, 40.

93 Pont. Rom., II, 35.

94 Pont. Rom., II, 101.

- Descida do Espírito Santo : - «descendat... Spiritus Sanctus tuus super hoc altare»⁹⁵.
 - «assistant angeli claritatis et Sancti Spiritus illustratione (hoc altare) praefulgeat»⁹⁶.
 - «Consecratio et dedicatio equivalentes: Deus, qui nobis per singulos annos huius sancti templi Tui consecratoris reparas diem»⁹⁷.
 - «quicumque intra templi huius, cuius anniversarium dedicationis diem celebramus, ambitum continemur»⁹⁸.
 - «Natalis templi» designa por vezes o aniversário⁹⁹.
 - *Encaenia* (*'Egkaíni*), pl. neutr. Festas da dedicação do templo de Jerusalém¹⁰⁰ designa também a dedicação da igreja¹⁰¹ haec basilica, cuius hodie intitiamus *encenta*¹⁰².

Bibliografia

Além das fontes, como o Ordo Romanus, o Sacramentário Gelasiano, o Pontificale Romanum, apresentamos alguma bibliografia:

M. Andrieu, *Les « Ordines Romani » du haut moyen âge*, Lovaina, 6 vols., 1931 ss.

Baudot, *La dédicace des églises*, Paris, 1909 ; Id., *Le Missel romain, Ses origines et son histoire*, 2 vols., Paris, 1912.

P. Batiffol, *L'Eucharistie...*, Paris, 1913.

Id., *Leçons sur la Messe*, Paris, 1923.

S. Benz, *Zur Geschichte der römischen Kirchweihe nach den Texten des 7. bis 9. Jahrhunderts*, in *Enkaínia, gesammelte Arbeiten zum achthundertjährigen Weihgedächtnis der Abteikirche Maria Lach...*, Düsseldorf, 1956, 62-109.

A. Blaise, *Le vocabulaire latin des principaux thèmes liturgiques*, Turnhout, 1966.

J. Braun, *Der christliche Altar*, 2 vols., Munique, 1924.

F. Cabrol, *Les origines liturgiques*, Paris, 1906.

Id., *La Messe en Occident*, Paris, 1906.

Id., *Livre de la prière antique*, p. 311.

Dictionnaire d'Archéologie chrétienne et de liturgie. António Coelho, Vasconcelos, etc.

C. Callewaert, *De missalis romani liturgia*, sectio I, Bruges, 1937, pp. 9-19.

G. de Campeaux e Dom S. Sterckx, *Einführung in die Welt der Symbole*, trad. alemã do francês, Würzburg, 1990, pp. 119-260.

Catholicisme 3, 521-527.

A. Chavasse, *Le Sacramentaire gelasien*, Tournai, 1958, 36-56.

A. Coelho OSB (1892-1938), *Curso de liturgia romana*, Braga, 1926-1930, 5 vols.

Croquison-Van Wesel, *La liturgie de la consécration des églises*, in *Bulletin paroissial liturgique*, Lophem, 1936, 11-32.

95 Greg. 196.

96 Praef. Cons. Pont. Rom., II, 41.

97 Coll., Gel. Cagin 2162.

98 Secr. Greg. Suppl. Alc. 186.

99 Gel. Cagin 2163; Ces. Arl. Serm. 229, 3.

100 1 Mac. 4, 59; Jo. 10, 22.

101 Isidor. Eccl. Off. 1, 35.

102 Pont. Rom. - Germ. 40, 72; oratio bened. basil. novae.

Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie (DACL), por Dom Cabrol, Dom Leclercq, Marrou, etc., Paris, 1903...

L. Duchesne, *Origine du culte chrétien*, 6.^a ed., Paris, 1921.

Enchiridion liturgicum, 2 vols., por Polycarpus Radó OSB, Roma-Friburgo i. Br., 1961.

M. Férotin, *Le Liber Ordinum en usage dans l'Église wisigothique et mozarabe d'Espagne du cinquième au onzième siècle*, Roma, reimpr. da ed. de 1904, e suplemento de bibliografia geral, por A. Ward SM e C. Johnson OSB, Roma, 1996.

M. Férotin OSB, *Liber Mozarabicus sacramentorum et les manuscrits mozarabes*, reimpr. da ed. de 1912 por A. Ward SM e C. Johnson OSB, e bibliografia geral, Roma, 1995.

W. - H. Frère, *Pontificali services*, I, *The consecration of a church*, Londres, 1980.

Gaucheron, *L'initiation chrétienne des églises*, in *Liturgia*, Paris, 1930, 143-160.

Haegy, *Cérémonial de la consecration des églises et des autels*, 7.^a ed., Paris, 1926.

S. Many, *Praelectiones de locis sacris*, Paris, 1904.

E. Martène, *De antiquis Ecclesiae ritibus*, 3 vols., Paris, 1700-1706.

A. G. Martimort, *L'Église en prière. Introduction à la liturgie*, obra de colaboração, Paris - Tournai - Roma - New York, 1961, pp. 179-183.

J. Nabuco, *Pontificalis romani expositio juridico-practica*, II, Petropolis (Brasil), 1945, 3-95.

P. de Puniet OSB, *Le Pontifical romain*, II, Paris, 1931, p. 229 ss.

Nova Vulgata Bibliorum Sacrorum Editio, Cidade do Vaticano, 1979.

Pontificale romanum. Reimpressio editionis iuxta typicam anno 1962 publici iuris factae, partibus praecedentis editionis ab illa omissis, introductione et tabulis aucta, por A. Ward e C. Johnson, Roma, 1999.

M. Righetti, *Historia de la Liturgia*, vol. II, trad. esp., Madrid, 1956.

Romanum Missale Romanum.

V. Saxer, art. «Dedicazione delle Chiese», in *Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane*, vol. I, Roma, 1983, cols. 902-904; LTK, 6, 302-306.

Card. Schuster, *Liber sacramentorum*, trad. fr., I, Bruxelas, 1925, c. XI, La dédicace des basiliques dans l'antiquité chrétienne, pp. 167-196.

Stiefenhofer, *Die Geschichte der Kirchweihe vom 1-7 Jahrh.*, Munique, 1908.

Id., art. *Dédicace*, in DACL, IV, 374-405.

A. Stiegler, S. Benz, H.-J. Schulz, K. Beitzl, «art. «Kirchweihe», in LTK 6, 303-305.

A. Stiegler, art. «Kirchweihe», in LTK, 302-303.

C. Vagaggini, *La Santa Messa*, Roma, 1945.

A. de Vasconcelos, *Compêndio de liturgia romana*, 2 vols., Coimbra, 1897-1900.